A IDENTIDADE DO SUJEITO NA PÓS-MODERNIDADE: TRILHAS PARA REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO ARTÍSTICA CONTEMPORÂNEA

Andrea Ujakova Corrêa (UVA)
andreaujakova@gmail.com
Silvana Moreli Vicente Dias (UVA)
silmorelivdias@gmail.com

RESUMO

O movimento pós-moderno trouxe mudanças culturais e sociais que transformaram definitivamente a vida da sociedade.A globalização, a revolução digital e o nascimento da internet são acontecimentos significativos que originaram um mundo tecnológico e interconectado, modificaram o dia a dia do indivíduo e alteraram profundamente seu modo de estar no mundo. O presente artigo tem o objetivo de construir uma reflexão sobre o comportamento da identidade do sujeito na pós-modernidade, com o objetivo de compreender melhor aspectos da produção artística nos dias de hoje. As principais fontes bibliográficas que serviram de base para esse estudo foram os filósofos pós-modernistas Zigmunt Bauman (1999; 2001; 2005) e Stuart Hall (2020). A constituição do mundo contemporâneo,a interação do ser humano com a tecnologia, as variadas possibilidades de escolha a sua disposição e o seu posicionamento nas redes sociais são questões relevantes para compreender o processo de formação da identidade do sujeito nos dias atuais, constituindo sólidos fundamentos para a leitura da produção artística no mundo contemporâneo.

Palavras-chave:
Tecnologia. Pós-modernidade. Identidade do sujeito.

ABSTRACT

The postmodern movement has brought cultural and social changes that have definitely transformed the life of society. Globalization, the digital revolution, and the birth of the internet are significant events that have given rise to a technological and interconnected world, modified the day-to-day life of the individual, and have altered the individual's essence-deeply his or her way of being in the world. The present article aims to build a reflection on the behavior of the subject's identity in post-modernity. The main bibliographic sources that served as a basis for this study were the post-modernist philosophers Zigmunt Bauman (1999; 2001; 2005) and Stuart Hall (2020). The constitution of the contemporary world, the interaction of the human being with technology, the various possibilities of choice at his disposal, as well as his positioning in social networks are issues addressed, relevant in the process of identity formation of the subject today, constituting solid foundations for the reading of artistic production in the contemporary world.

Keywords:
Technology. Post-modernity. Subject Identity.

1. Introdução

A identidade faz parte da essência do indivíduo, e vários fatores contribuem para a sua formação. Além das propriedades inatas que lhe são características, ela era construída de acordo com os aspectos históricos, sociais e culturais que marcaram a sua trajetória. A identidade do sujeito acompanha a movimentação dos grandes processos pelos quais passa a sociedade, de forma a representar a época, com a qual se identifica.

Durante muito tempo, a humanidade baseou as suas concepções ideológicas no racionalismo. Formou-se, assim, um ser humano cartesiano, detentor de uma identidade fixa, imutável e que se utilizava da ciência para encontrar a verdade. Porém, as mudanças culturais e sociais, trazidas pela terceira revolução industrial, fizeram com que a sua subjetividade fosse questionada e modificou, dessa forma, a sua identidade.

A pós-modernidade é uma época que marca a chegada da era digital, por meio da revolução técnico-científica, e transforma definitivamente o modo de ser e de viver de uma sociedade. A tecnologia foi introduzida no dia a dia da humanidade, impactando a vida do ser humano e modificando a sua essência. O presente trabalho procura construir uma reflexão sobre a identidade do sujeito no pós-modernismo,destacando as questões que contribuíram para que ela se tornasse descentralizada, fragmentada e transitória.

2. O mundo pós-moderno

Há, no mundo atual, um movimento cultural e filosófico que enaltece as ciências humanas e vai de encontro ao racionalismo propagado à época do Iluminismo: o Pós-modernismo. O pensamento racional do século das luzes, que contribuiu para o desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação, trouxe o progresso para a modernidade, porém se mostrou insuficiente para atender às demandas sociais do mundo atual. O filósofo francês Jean-François Loytard define o movimento argumentando que as "metanarrativas" perderam a sua credibilidade:

> Na sociedade e na cultura contemporânea, sociedade pós-industrial, a questão da legitimação do saber coloca-se em outros termos. O grande relato perdeu sua credibilidade, seja qual for o modo de unificação que lhe é

> conferido: relato especulativo, relato de emancipação. (LOYTARD, 2009, p. 69)

Segundo o autor, as grandes narrativas, como o Iluminismo, Marxismo e Idealismo, estão desacreditadas e não possuem mais a capacidade de explicar a existência humana. A confiança no poder da razão e o argumento de que, somente através dela, o ser humano adquiriu o verdadeiro conhecimento foram substituídos pelo relativismo e, assim, tornaram-se discursos enfraquecidos.

No pós-modernismo, tudo é relativo, pois a verdade depende da pessoa, do seu ponto de vista, além das diversas variáveis presentes em uma situação. Os variados discursos coletivos, objetivando defender um discurso individual, são produzidos por indivíduos cujas identidades são construídas, em grande parte, pelos grupos sociolinguísticos a que pertencem. Esses grupos relacionam-se entre si pelos meios digitais disponíveis, como computadores ou *smartphones*. São grupos e subgrupos que se dividem e se subdividem por sexo, etnia, ideologia, preferências, poder econômico, localidade ou qualquer outra afinidade com a qual se identificam. Dessa forma, narrativas universais perderam a credibilidade e passaram a ser legitimados os saberes locais e contextuais. Os discursos forma descentralizados e as verdades relativizadas. O filósofo Stephen Hicks, em seu livro *Explicando o Pós-modernismo*, faz considerações sobre a relatividade, presente nesse movimento, e declara:

> A objetividade é um mito; não existe Verdade, nenhuma Maneira Certa de interpretar a natureza ou um texto. todas as interpretações são igualmente válidas. Os valores são produtos socialmente subjetivos. Culturalmente falando, portanto, não há valores, em nenhum grupo, que mereçam crédito especial. Todos os modos de vida são legítimos, de afegãos a zulus. (HICKS, 2011, p. 53)

A ciência da razão promoveu o desenvolvimento moderno e melhorou a vida das pessoas, mas, em contrapartida, trouxe graves problemas para a humanidade, como a construção de armas nucleares e a degradação da natureza. Há, então, um sentimento de incerteza e fragilidade no homem pós-moderno, pois a sua confiança está abalada.

O mundo pós-moderno foi construído em virtude das relevantes transformações após a Segunda Guerra Mundial. É a partir desse momento da história que acontecem as grandes inovações tecnológicas e científicas. A economia, que antes era baseada na produção em massa, passa a produzir de forma automatizada e programada, devido aos avanços ocorridos na área da informática e da robótica. A Revolução Técnico-Científica,

também conhecida como a Terceira Revolução Industrial, propiciou uma série de inovações na área dos transportes e das comunicações. O mundo, assim, se torna um grande mercado produtor e consumidor. O sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman (2001) reforça esse ponto de vista:

> Em 1994, um cartaz espalhado pelas ruas de Berlim ridicularizava a lealdade a estruturas que não eram mais capazes de conter as realidades do mundo: "Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, arábicos. Suas terras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro." (BAUMAN, 2001, p. 29)

A circulação de informações, mercadorias e dinheiro é mais fácil e mais intensa. As empresas estão em todos os lugares, pois não há mais limites para comercializarem seus produtos. Basta que sejam adeptas ao mundo digital. Há uma maior interação entre os países e, em vista disso, eles decidem e acordam conjuntamente, em prol do bem-estar da humanidade.

Na verdade, o mundo pós-moderno é o mundo conectado. Não se pode falar de pós-modernidade sem falar da interação instantânea e simultânea que hoje ocorre na sociedade. A globalização e a internet mudaram o conceito de espaço e tempo e, assim, derrubaram definitivamente as barreiras e os limites territoriais. Não há mais impedimentos para a comunicação entre as pessoas, as empresas e os países, de modo que o mundo se transformou em uma grande aldeia global. Nesse sentido, Bauman (1999) ressalta que:

> As distâncias já não importam, ao passo que a ideia de uma fronteira geográfica é cada vez mais difícil de sustentar no "mundo real". Parece claro de repente que as divisões dos continentes e do globo como um todo foram em função das distâncias, outrora impositivamente reais devido aos transportes primitivos e às dificuldades de viagem. (BAUMAN, 1999, p. 13)

A revolução tecnológica modificou a forma de pensar e o modo de produzir e distribuir o conhecimento. A linguagem satisfatória é aquela que pode ser traduzida em bits. Toda informação produzida e todo o conhecimento construído devem estar aptos a serem transmitidos pelos meios digitais. O objetivo da comunicação é produzir uma linguagem que interaja dentro de uma sociedade informatizada, conforme argumenta o filósofo Jean-François Lyotard (2009):

> Nessa transformação geral, a natureza do saber não permanece intacta. Ele não pode se submeter aos novos canais, e tornar-se operacional, a não ser que o conhecimento possa ser traduzido em quantidades de informação. Pode-se então prever que tudo o que no saber constituído não é traduzível será abandonado, e que a orientação das novas pesquisas se subordinará à

> condição de tradutibilidade dos resultados eventuais em linguagem de máquina. Tanto os "produtores" de saber como seus utilizadores devem e deverão ter os meios de traduzir nestas linguagens o que alguns buscam inventar e outros aprender. (LYOTARD, 2009, p. 4)

E a linguagem que essa sociedade usa para interagir é acessada pela informação. Ela é a fonte, a base para a interação. A informação é a chave que abre a porta para a comunicação. Qualquer acesso, por mais rápido e simples que seja, demanda dados e informação do usuário. Ao ligar a chave, a conexão se inicia e, a partir desse momento, todos estão aptos a produzir e consumir conteúdo e conhecimento.

Como uma moeda, a informação é um instrumento de troca, possui valor de uso e tem a capacidade de agregar valor àquilo que lhe é relacionado. Dessa forma, ela passa a fazer parte do processo de produção e é considerada fundamental para o desenvolvimento da sociedade. A informação tem a capacidade de se transportar sem precisar vir acompanhada do seu emissor. A velocidade com que ela é transmitida supera a mobilidade de seus portadores, sejam eles os meios ou o objeto físico, e se torna, instantaneamente, acessível aos seus receptores. O efeito dessa comunicação imediata e independente é uma contínua interação que faz com que as pessoas se relacionem em diferentes momentos e espaços. Há uma constante troca de informação que circula o tempo todo, e o mundo contemporâneo acompanha essa movimentação.

Ao estudar questões que compreendem o mundo pós-moderno, deve-se ter em mente a ideia do subjetivo. O movimento configurou um aspecto cultural à sociedade e lhe atribuiu a lógica do relativismo. As múltiplas possibilidades de aptidões e conhecimentos tornaram o indivíduo fragmentado e individualizado. Hoje ele vive em uma sociedade pluralizada e diversificada e necessita de uma visão situada em seu tempo e espaço para que seja analisado dentro do contexto social no qual está inserido. No mundo pós-moderno, não há uma verdade absoluta, mas várias verdades existem em contextos diversos.

3. O sujeito pós-moderno e a tecnologia

O homem pós-moderno vive em contato direto com a tecnologia. Pode-se dizer que o seu corpo foi adaptado e modificado a fim de receber as transformações ocorridas com a revolução digital. O conhecimento adquirido e a intimidade com a máquina fizeram com que a constituição humana passasse por uma transformação social e cultural. A interação com o

meio tecnológico compromete toda a sua estrutura, pois, além de modificar o modo técnico de se fazer as tarefas, mexe profundamente com a sua forma de pensar. Cria-se, dessa forma, um indivíduo que incorpora a tecnologia e, por meio dela, multiplica as suas capacidades, como se fosse um ciborgue – termo trazido pela autora Donna J. Haraway, em seu Manifesto Ciborgue (1985), no qual ela propõe uma nova posição feminina diante da influência da ciência e da tecnologia na sociedade. Haraway (2009) caracteriza ciborgue da seguinte forma:

> "No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma ciborgues". O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica. (HARAWAY; KUNZRU, 2009, p. 37)

Como um ser híbrido, ele manifesta a sua extensão humana através das intensas conexões digitais que realiza. A interação homem-máquina modifica a própria essência do indivíduo e transforma o meio no qual ele está inserido. Essa crescente intimidade com a tecnologia, vivenciada nos tempos modernos, faz Haraway (2009) se autointitular ciborgue. A autora ainda argumenta:

> A máquina não é uma coisa a ser animada, idolatrada e dominada. A máquina coincide conosco, com nossos processos; ela é um aspecto de nossa corporificação. Podemos ser responsáveis pelas máquinas; elas não nos dominam ou nos ameaçam. Nós somos responsáveis pelas fronteiras; nós somos essas fronteiras. (HARAWAY; KUNZRU, 2009, p. 97)

Vale mencionar que a comunicóloga Lúcia Santaella (2007) também discorre sobre a questão da máquina como um aspecto de nossa corporificação. A autora defende a tese de que, na pós-modernidade, não há como visualizar o homem separado da tecnologia. Segundo Santaella, o próprio corpo humano já viria com técnicas próprias, nele instaladas, a fim de desenvolver aquelas capacidades que não lhe seriam naturais, tais como falar, cantar, beijar e rir. Essas se manifestariam através daquilo que ela chama de uma maquinaria simbólica adicionada em nosso corpo pela natureza. A autora discorre sobre essa questão ao afirmar que:

> [...] defendo a tese de que a técnica, hoje transmutada em tecnologia, remonta às origens da constituição do ser humano como ser simbólico, ser de linguagem, de modo que as tecnologias atuais estão em uma linha de continuidade e representam uma crescente complexificação de um princípio que já se instalou de saída na instauração do humano. Embora sob o disfarce insuspeito da naturalidade, a primeira tecnologia simbólica está no nosso próprio corpo: a tecnologia da fala. [...] A internet já estava inscrita em

> nossa constituição simbólica no momento em que o ser humano se tornou bípede, a testa de ergueu, o neocórtex se desenvolveu, dando-se a emergência desse acontecimento único na biosfera até hoje tão inexplicável quanto a própria vida: a fala humana. [...] Por isso, a fala já é uma espécie de tecnologia, já é artificial. Depois da fala, vieram as escritas e todas as máquinas para a produção técnica de imagens, sons, audiovisuais e, atualmente, da hipermídia, junto com os avanços das simulações computacionais na realidade virtual, robótica e vida artificial. (SANTAELLA, 2007, p. 49-50)

Segundo a autora, a capacidade falar do ser humano seria artificial e considerada, por isso, uma tecnologia que lhe foi inserida no momento da sua criação. Partindo dessa linha de raciocínio, Santaella argumenta que as novas tecnologias do mundo pós-moderno, trazidas pela revolução digital, não seriam desconhecidas ao homem, pois, na verdade, elas se constituiriam em sua extensão, como uma amplificação do seu corpo e da sua mente.

Tendo em vista essas considerações, entende-se que o ser humano é completamente adaptável diante das transformações advindas com o avanço da tecnologia, pois foi preparado para essas mudanças desde a sua criação. Basta, somente, que seja impulsionado e incentivado a desenvolver as habilidades que já possui. Entretanto, à medida que ele desenvolve essas competências e torna-se ajustável, a fim de viver em uma era tecnológica e usufruir todos os atributos que ela lhe oferece, a sua identidade torna-se instável e assume um caráter transitório.

4. A identidade do sujeito pós-moderno

O que seria a identidade de uma pessoa? Durante muito tempo, a resposta para essa pergunta era apresentada ao se definir questões como: país ou local de nascimento, gênero, raça, família, classe social etc. Antes, a identidade do indivíduo lhe era atribuída com o seu nascimento e assegurada pelo grupo ao qual pertencia. Ela representava as instituições presentes em sua vida, como família, estado e igreja. A essência da sua identidade permanecia fixa até a sua morte. Com o passar do tempo, aquelas informações, que definiam o sujeito, passaram a ser insuficientes, tornaram-se diluídas e menos importantes. A identidade passou a ser algo mais complexo, como um processo em construção. Ela não era mais definida com o seu nascimento, mas sim construída a partir dele. Essa mudança aconteceu em virtude das grandes e significativas transformações sociais e culturais pelas quais passou a sociedade moderna, alterando definitivamente, nos dias de hoje, o conceito de identidade. Na sociedade atual, pós-

moderna, a construção da identidade constitui-se em um processo contínuo, que perdura durante toda a vida do indivíduo. No decorrer desse percurso, o sujeito pode trocar de identidade quantas lhe forem as possibilidades ofertadas.

O sociólogo Stuart Hall (2020) definiu três conceitos de identidade do sujeito que se manifestaram na modernidade e na pós-modernidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo estava ligado à ideia de um humano individualista, centrado em seu núcleo interior. Racional, como os racionalistas da sua época, ele pensava e agia conscientemente; um sujeito autônomo, autossuficiente dotado de particularidades próprias e valores que foram desenvolvidos durante o tempo, mas permaneceram constantes até a sua morte.

O sujeito sociológico, segundo Stuart Hall (2020), surge à medida que as sociedades modernas se tornavam variadas e mais complexas. Esse sujeito, presente na primeira metade do século XX, possui a sua individualidade, mas interage com o meio em que está inserido. Ele não é autossuficiente e não é autônomo, pois há uma interdependência entre o eu e o meio. A identidade do sujeito sociológico é formada a partir da interação entre o indivíduo e a sociedade. Conforme Hall: "O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o 'eu real', mas esse é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais 'exteriores' e as identidades que esses mundos oferecem." (HALL, 2020, p. 8). Dessa forma, entende-se que, apesar de ainda possuir a sua essência, ele se relaciona com um mundo cultural exterior, assimila os seus significados e valores e, por meio desse diálogo, altera o seu interior.

Desse relacionamento, que se tornou cada vez mais intenso, em virtude das significativas transformações pelas quais o mundo passou, surge um indivíduo fragmentado, que Stuart Hall denomina de sujeito pós-moderno. O escritor não o define como um ser centrado e unificado, mas sim descentralizado e contraditório, capaz de assumir múltiplas identidades em diferentes momentos. Pensar em uma identidade fixa e inabalável, diante das contínuas mudanças estruturais e culturais que ocorrem na pós-modernidade, segundo o autor, seria algo fantasioso:

> A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente. (HALL, 2020, p. 9)

Segundo Stuart Hall (2020, p. 25), foi o caráter da mudança na modernidade tardia (como ele chama a pós-modernidade) que provocou a fragmentação da identidade do sujeito. Hall argumenta que a globalização seria a principal força-motora dessa mudança, pois esse movimento impactou profundamente e transformou definitivamente a natureza da sociedade moderna. Antigamente, o sujeito possuía a sua identidade protegida dentro do seu espaço e alimentava-se da cultura local. Com a globalização, o mundo se tornou um grande mercado e a cultura foi globalizada: "À medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural." (HALL, 2020, p. 56).

Com a abertura das fronteiras, o cidadão, agora, possui uma pluralidade de culturas a sua disposição e a identidade nacional passa a desintegrar-se. Ela não é mais fixa, pois está constantemente se misturando e recebendo a influência de outras culturas. Dessa forma, o mundo caminha para uma homogeneização cultural, fazendo com que haja uma padronização baseada nas culturas e costumes de povos economicamente dominantes. A tendência desse movimento é absorver as culturas locais e tradicionais e enfraquecê-las; entretanto, algumas delas conseguem transmitir e propagar, para além de suas fronteiras, as suas características.

4.1. A liberdade na pós-modernidade

No passado, o ser humano procurava planejar toda a sua vida a fim de obter estabilidade, solidez. Buscar a felicidade sem que ela estivesse atrelada à segurança, não fazia parte dos seus planos. Em vista desse propósito, ele estava disposto a limitar a sua liberdade. Na pós-modernidade, os valores se invertem e a constante busca pelo prazer faz com que o indivíduo valorize, de forma plena, a liberdade que possui, mesmo que, para isso, a sua segurança seja reduzida. Entretanto, essa inversão de valores criou uma atmosfera de incerteza, fazendo com que o sujeito pós-moderno conviva com esse sentimento de insegurança. Bauman, com clareza, discorre sobre a questão:

> A imagem do mundo diariamente gerada pelas preocupações da vida atual é destituída da genuína ou suposta solides e continuidade que costumavam ser a marca registrada das "estruturas modernas". O sentimento dominante, agora, é a sensação de um novo tipo de incerteza, não limitada à própria sorte e aos dons de uma pessoa, mas igualmente a respeito da futura configuração do mundo, a maneira correta de viver nele e os critérios pelos quais

julgar os acertos e erros da maneira de viver. (BAUMAN, 1997)

O sujeito pós-moderno expressa a inquietude que o aflige pelas mais variadas formas, dentre elas, destaca-se o movimento artístico. Ao longo da história, o artista sempre procurou, por meio de uma habilidade cultural, representar os acontecimentos relevantes da sua época e os seus efeitos. O sentimento de incerteza, a maneira correta de se viver, as preocupações com os erros e acertos, descritos por Bauman, na citação acima, podem ser verificados e exemplificados por meio de poema "Escolhas", de Juliana Ujakova, poeta pós-moderna da rede social Instagram @ujakovica. Aqui segue o texto do poema:

Escolhas
A vida seria mais fácil se não tivéssemos liberdade para escolher
Escolher talvez seja o maior peso do viver
Porque as nossas escolhas decidem o rumo das nossas vidas
E eu acredito no livre arbítrio
Mesmo sabendo que estou influenciada por aquilo que nem posso imaginar
Mas como é difícil decidir
A liberdade me cai com o peso da maturidade
Que é assumir minha responsabilidade com a humanidade
E entender que a minha liberdade está condicionada
A uma rede emaranhada de outras conexões
Que são, na verdade, outros corações
E que ecoa lá o que eu faço aqui
E que eu posso sempre ressignificar meu existir
E saber que a vida não se trata de um só elemento
Mas é sobre dar significado a cada fragmento
Ao aceitar cada momento com pertencimento
A essa estranha e brilhante aventura chamada vida
E perceber que eu sou apenas uma parte
E que eu sou também o todo
Eu sou poeira
Eu sou uma loucura que beira na dúvida do que sou eu
Eu sou um poço de desejo, tesão, euforia e depressão
Minha existência é uma mera ilusão
Assim como todas as outras
Perdidas no além
Das mentiras que nos mantém
Vivendo como mortos
Enquanto estamos vivos

O poema acima discorre sobre o efeito de uma das características do pós-modernismo: o individualismo. O sujeito pós-moderno é individualista, mas não como o individualismo do Iluminismo, centrado no seu eu interior, rígido, inabalável. O individualismo da pós-modernidade prioriza a busca por sensações prazerosas, baseada na liberdade que possui para escolhê-las. A liberdade individual, para o sujeito pós-moderno, constitui-

se em um valor. Restringir essa liberdade é interferir na sua individualidade. Vive-se de forma espontânea, em um estado de constante movimento, sempre aberto a possibilidades de curta ou longa duração e às opções que o mundo oferece. Entretanto, a liberdade é vivida com angústia, diante do sentimento de incerteza que paira sobre as suas escolhas. Essa situação é percebida, no poema em questão, quando a autora afirma que a liberdade de escolha que temos torna o viver difícil, pois define o rumo de nossas vidas. Configura-se uma sensação de insegurança em virtude de possíveis erros e acertos que possam ocorrer, diante das escolhas assumidas. Conforme declara Bauman, "os mal-estares da pós-modernidade provém de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais" (BAUMAN, 1997, p. 9).

A liberdade me cai com o peso da maturidade
Que é assumir minha responsabilidade com a humanidade
E entender que a minha liberdade está condicionada
A uma rede emaranhada de outras conexões
Que são, na verdade, outros corações
E que ecoa lá o que eu faço aqui

Entretanto, a angústia, retratada no poema, também se configura pelo fato de o sujeito entender que está entregue a si mesmo e assumir uma responsabilidade ao exercer a liberdade que possui. Ele também reconhece que as suas escolhas acarretam consequências na vida de outras pessoas, pois vive em um mundo onde todos estão interligados. Bauman (1997) define a liberdade como uma relação de poder, de modo que nem todos possuem recursos para usufruí-la, mas, certamente, serão atingidos por essas escolhas:

> Mas observemos, a liberdade é uma relação – uma relação de poder. Sou livre, se, e somente se posso agir de acordo com a minha vontade e alcançar os resultados que pretendo alcançar; isso significa, porém, que algumas outras pessoas serão inevitavelmente restringidas em suas escolhas pelos atos que eu executei, e que elas deixarão de alcançar os resultados que elas desejavam. (BAUMAN, 1997, p. 43)

A liberdade do sujeito pós-moderno possibilita a sua fragmentação, uma vez que ele passa a assumir identidades diversas, por meio das suas escolhas. Em cada momento ou contexto no qual se encontra inserido, surgem oportunidades para que ele se reinvente. Esse leque de possibilidades lhe é atrativo, pois, quando não houver mais satisfação ou nada sair como o planejado, ele sabe que poderá se recriar outra vez:

E que eu posso sempre ressignificar meu existir
E saber que a vida não se trata de um só elemento
Mas é sobre dar significado a cada fragmento

Ao aceitar cada momento com pertencimento
A essa estranha e brilhante aventura chamada vida

A construção da identidade, no pós-modernismo, é um processo contínuo. Ela constitui-se em uma prática cultural e acontece durante toda a vida do indivíduo. Dessa forma, por estar em constante formação, o sujeito pós-moderno apresenta uma identidade de caráter transitório e fragmentada. Ele valoriza cada momento e procura vivê-lo com intensidade, de forma que lhe possa ser significativo. Bauman (2005) discorre sobre a fragmentação do sujeito ao afirmar: "Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados." (BAUMAN, 2005, p. 15). O autor denomina a pós-modernidade de "modernidade líquida", pois, segundo ele, ela tema capacidade de dissolver os sólidos que a estabeleceram. Na verdade, Bauman (2001, p. 6) argumenta que a liquidez sempre foi uma característica presente em todas as épocas: derrete-se a estrutura, para refazê-la de forma diferente. O problema, que se constitui na presente época, diz respeito à velocidade com que os sólidos são demolidos. Em uma sociedade líquida não há estabilidade e nem durabilidade, pois tudo está em constante transformação. Dissolve-se uma identidade e cria-se outra e, dessa forma, apresentando-se sempre flexível, ela nunca está definida:

E perceber que eu sou apenas uma parte
E que eu sou também o todo
Eu sou poeira
Eu sou uma loucura que beira na dúvida do que sou eu
Eu sou um poço de desejo, tesão, euforia e depressão
Minha existência é uma mera ilusão
Assim como todas as outras
Perdidas no além
Das mentiras que nos mantém
Vivendo como mortos
Enquanto estamos vivos

De acordo com o texto acima, percebe-se que a identidade se apresenta de forma contraditória: é uma parte, mas também é um todo. Euforia, mas também depressão. As possibilidades são muitas, por isso não há uma definição fixa, para falar como Hall (2020):

> Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como no tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos,

> identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". (HALL, 2020, p. 9)

Ao final do poema, não existe a intenção de definir um conceito, pois a identidade está sempre em movimento, constantemente abordada por diversas práticas culturais, sendo deslocada, transformada, provisória, nunca permanente, conforme Stuart Hall (2020) argumenta no excerto acima.

4.2. O sujeito pós-moderno e as redes sociais

O sujeito pós-moderno está sempre conectado, de modo que se expressa e se comunica por meio das redes sociais. Essas são variadas e presentes em qualquer dispositivo que permita uma conexão com a internet e que seja compatível com o aplicativo usado. Os artefatos tecnológicos, geralmente, são móveis e cabem na palma da mão; dessa forma, o usuário pode levá-los consigo onde for. Estar o tempo todo ligado à internet é uma necessidade para o sujeito pós-moderno. Ele precisa estar atento às mudanças que ocorrem constantemente, caso contrário ficará excluído do mundo em que vive. Bauman (2005) cita as palavras de Andy Hargreaves, que faz considerações sobre uma cena comum da sociedade contemporânea:

> Em aeroportos e outros espaços públicos, pessoas com telefones celulares equipados com fones de ouvido ficam andando para lá e para cá, falando sozinhas e em voz alta, como esquizofrênicos paranoicos, cegas ao ambiente ao seu redor. A introspecção é uma atitude em extinção. Defrontadas com momentos de solidão em seus carros, na rua ou nos caixas de supermercados, mais e mais pessoas deixam de se entregar a seus pensamentos para, em vez disso, verificarem as mensagens no celular em busca de algum fiapo de evidência de que alguém, em algum lugar, possa desejá-las ou precisar delas. (BAUMAN, 2005, p. 27)

Nas redes sociais, o sujeito pós-moderno constitui relações e interações culturais que serão relevantes para a formação da sua identidade. É nesse espaço também que ele irá expor a identidade formada. Como se fosse uma passarela, o sujeito pós-moderno desfila e procura assistir a todos os desfiles disponíveis que, na maioria das vezes, são de pessoas que ele não conhece, mas que lhe servem de inspiração. Nessa "apresentação" de identidades, ele faz comparações, deseja tudo o que não possui e perde

o apreço por aquilo que é verdadeiro em sua vida.

A exposição diária faz parte da vida do sujeito pós-moderno. Porque possui uma característica narcisista, ele gosta de se apresentar nas redes e sente prazer na sua exibição. As costumeiras *selfies* apresentam fotos perfeitas, com a ajuda da tecnologia e seus filtros de beleza. A intenção é obter uma foto que retrate como ele quer ser visto. O seu estilo e modo de vida também são frequentemente compartilhados nas redes. Mostrar-se sempre bem, registrar os momentos de realização e de lazer são ações que fazem parte do cotidiano do homem pós-moderno. Roxane Rojo (2015) descreve com clareza o sujeito da hipermodernidade (como ela assim define o movimento pós-moderno):

> Nos tempos hiper, não basta viver, é preciso contar o que se vive (reordenamento das fronteiras entre o público e o privado) ou, mais do que isso, é preciso mostrá-lo (em selfies, em fotos, em vídeos). Somos impelidos a buscar a novidade o tempo todo, a não prescindir dela. A superficialidade se estabelece como corolário: curtir/comentar nas redes sociais, sem refletir sobre o que se lê, apenas para não perder a oportunidade de se posicionar, na verdade, de aparecer ou de se satisfazer (o reino da opinião pessoal no lugar de uma posição ou projeto político mais consistente). (ROJO, 2015, p. 79)

Na verdade, tudo o que ele deseja é construir uma imagem que seja aceita por todos que o assistem e esconder o que ele considera negativo em sua vida. Não há nada que lhe seja mais satisfatório do que as inúmeras curtidas e comentários em suas postagens. Entretanto, esse prazer não perdura por muito tempo, pois, assim que obtém o resultado pretendido, ele parte em busca de uma nova postagem, desejando sempre alcançar um nível de satisfação maior que o anterior. E, assim, esse sujeito está sempre em busca de uma novidade para estrear o seu próximo espetáculo.

5. Considerações finais

Em uma época na qual as mudanças são repentinas, devido às transformações trazidas pela revolução digital, o sujeito passou a priorizar a sua liberdade, ser guiado pelas suas emoções e desejos transitórios, procurando muitas vezes aceitação nas redes sociais. Constituiu-se, dessa forma, em um ser que carrega uma identidade fragmentada, que recebe a influência de uma pluralidade de culturas. Eis um sujeito híbrido, instável que vive para os momentos.

Percebe-seque a velocidade com que as mudanças estruturais e culturais acontecem na pós-modernidade impede que o sujeito construa uma

identidade sólida. Ele está sempre em contínuo processo de adaptação. Culturas e práticas caem em desuso; algumas, para sempre, outras retornam de tempo em tempo. Objetos e artefatos tornam-se obsoletos e precisam ser substituídos. O rápido avanço da tecnologia não somente traz modernidade ao mundo, mas também modifica a vida humana. Vive-se em função desses avanços, sempre esperando uma mudança e já conformado de que ela, inevitavelmente, irá acontecer. A velocidade com que essas transformações ocorrem amedronta o sujeito pós-moderno, pois ele tem a ciência da sua instabilidade e a certeza de que tudo foge ao seu controle.

Diante das considerações trabalhadas neste artigo, verificou-se que a pós-modernidade, que teve na tecnologia a sua força-motora, modificou significativamente a essência do indivíduo. O movimento cultural e filosófico rompeu com as concepções fundadas no racionalismo iluminista, dissolvendo a estabilidade na qual o ser humano estava ancorado. Dentro de um mundo sustentado por uma narrativa relativista e atualizado constantemente pelo desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação, ele passou a conviver com discursos fragilizados e descentralizados, descontruindo, assim, o caráter uno e rígido de sua identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D'Assunção. *História e Pós-modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2019.

BARBOSA, Alexandre de Freitas. *O mundo globalizado*: Política, Sociedade e Economia. São Paulo: Contexto, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização*: As consequências humanas. Trad. de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Identidade*: Entrevista a Beneditto Vecchi. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *Modernidade líquida*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

_____. *O mal estar da pós-modernidade*. Trad. de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

DE PÁDUA NÓBREGA, Lívia. A construção de identidades nas redes sociais. *Fragmentos de Cultura*, v. 20, n. 1, p. 95-102, 2010. Disponível em: http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/

1315/899. Acesso em: 10 de novembro.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari. *Antropologia do ciborgue*: As vertigens do pós-humano. Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: 2009.

HICKS, Stephen R. C. *Explicando o Pós-modernismo*: Ceticismo e Socialismo – de Rousseau a Foucault. Trad. de Silvana Vieira. São Paulo: Callis, 2011.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Trad. de Ricardo Correa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympo, 2009.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola, 2015.

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

UJAKOVA, Juliana. *Escolhas.* Rio de Janeiro, 19 fev. 2021. Instagram: @ujakovica. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CaLiIl1DImt/. Acesso em: 15 de novembro.